



LUBRAL

LUSO
BRASILEIRO
ALEMÃO

**II SIMPÓSIO
INTERNACIONAL
DE FILOSOFIA
E COMUNICAÇÃO**

COMUNICAÇÃO
E ESPAÇOS PÚBLICOS:
DECLÍNIO OU
TRANSFORMAÇÃO?

BOOK OF ABSTRACTS

LUBRAL

LUSO

BRASILEIRO

ALEMÃO

**II SIMPÓSIO
INTERNACIONAL
DE FILOSOFIA
E COMUNICAÇÃO**

COMUNICAÇÃO
E ESPAÇOS PÚBLICOS:
DECLÍNIO OU
TRANSFORMAÇÃO?

BOOK OF ABSTRACTS

ORGANIZATION

Anabela Gradim
André Barata
Catarina Moura
Elisa Zwick
Gérson Pereira Filho
João Carlos Correia
Paulo Denisar Fraga
Soraya Guimarães Hoepfner
Bolseiros de pós-doc
Pela parte de Filosofia:
Bruno Serra, Raquel Loio

EXECUTIVE COMMITTEE

Mércia Pires
Secretariado
Cefas Garcia Pereira
Logomarca, Arte
Cristina Lopes
Design
Sara Constante
Design
Marcela Silva
Web & Tech
LabCom.IFP
Apoio Logístico

SCIENTIFIC COMMITTEE

Anabela Gradim
André Barata
Antonio Florentino Neto
Catarina Moura
Christoph Türcke
Elisa Zwick
Filipe Carreira da Silva
Flademir Roberto Williges
Francisco Rogério Bonatto
Francisco Xarão

Frederico Vanderberghe
Gérson Pereira Filho
Gil Ferreira
Giseli do Prado Siqueira
Jesus Adrian Escudero
João Carlos Correia
João Pissara Esteves
José Manuel Santos
Luís Antonio Groppo
Marcos Palacios
Maria João Silveirinha
Miroslav Milovic
Moisés Lemos Martins
Paulo Denisar Fraga
Paulo Serra
Sibélius Cefas Pereira
Soraya Guimarães Hoepfner

INSTITUTIONAL ORGANIZATION

Universidade da Beira Interior
LabCom – Comunicação e Artes
Doutoramento em Ciências da
Comunicação
Doutoramento em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica
de Minas Gerais – PUC Minas -
Campus Poços de Caldas
Núcleo de Ciências Humanas /
Pós graduação em Filosofia
Grupo de Pesquisa Filosofia, Reli-
giosidade e suas interfaces/CNPq
Universidade Federal de Alfenas –
Unifal - MG
Grupo de Pesquisa Filosofia, His-
tória e Teoria Social / Unifal-MG /
CNPq

PROGRAM

PROGRAMA

27 JUNHO

9:30

Abertura

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Reitor da UBI
Presidente da Faculdade FAL
Coordenador do LabCom.IFP
Coordenadores do evento

10:00

Conferência de abertura

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Moderação: José Manuel Santos

Jesús Adrián Escudero
**The End of the Workplace:
From the Productive Subject to
the Entrepreneur of the Self**

Coffee Break

11:00

Conferências da manhã

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Moderação de Paulo Denisar Fraga

Gérson Pereira Filho
**A Cidade enquanto espaço público:
pensar a cidade, pensar a política**

João Carlos Correia
**Comunicação e partilha se-
lectiva: a verdade à medida do
telemóvel**

14:00

Sessões Paralelas I / II

Sessão Paralela I

**Comunicação e espaço públicos:
problematização de impactos políticos e sociais**

Sala dos Conselhos

Moderação: Milena Albuquerque

André Barata e Anabela Gradim
**Aceleração Social, Pós-Verdade e
Comunicação Pública**

Carolina Miranda Danelli e
Leandro Marlon Barbosa Assis
**O cotidiano midiaticizado dos Evil-
bots: debates sobre Educação,
pensamento crítico e marketing
político**

Bruno Rafael Gueiros Barbosa
**Descartabilidade das notícias:
a obsolescência do conteúdo in-
formativo na hipermodernidade**

Patrícia Fernandes
**Gente que não sabe estar: ou de
como temos de perceber que há
coisas que não se podem dizer**

Ricardo Morais
**Os social media e as formas
alternativas de participação: o
caso do movimento dos coletes
amarelos**

Sessão Paralela II

Espaços públicos, teoria social e pensamento filosófico

Sala 2.01

Moderação: Urbano Sidoncha

David Gonçalves Borges

A terceira e a quarta revoluções industriais teriam contribuído para a ascensão da “nova direita”? Uma análise a partir da teoria crítica do valor

Teresa Duarte Martinho

Dilemas do cruzamento entre ciências sociais e engenharia computacional: o caso da investigação em cultura com recurso a big data

Luís Filipe Fernandes Mendes

Revisitando Kierkegaard: a hipertrofia do espaço público e a pulverização do indivíduo na era das redes sociais

Eduardo Ramalho Rotstein

O Estado Mundial de Ernst Jünger: Uma leitura sessenta anos depois

Luísa Maria Rutka Dezopi

O trabalho intelectual, a Teoria Crítica e a denúncia da racionalidade instrumental

15:00

Sessões Paralelas III / IV

Sessão Paralela III

Comunicação e espaço públicos: problematização de impactos políticos e sociais

Sala dos Conselhos

Moderação: Ricardo Morais

Vinicius Barbosa Albernaz

Análise das características do discurso populista de Jair Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018

José Nuno Matos

Para uma sociologia dos ex-jornalistas

Júlia Lourenço Costa

#EleNão: linguagem e ativismo digital feminista no Brasil

Jorge Holguera

Atores, fontes e temas para o estudo de informação jornalística ambiental da Serra de la Estrela

Eula Lôbo Netto Vila Verde

Comunicação ambiental: um estudo sobre a problemática do uso dos agrotóxicos no Brasil

Sessão Paralela IV

Espaços públicos, teoria social e pensamento filosófico

Sala 2.01

Moderação: Bruno Serra

Tiago Quiroga Fausto Neto

Por uma epistemologia da comunicação e das humanidades no tempo presente

Hugo Mendes Amaral

Comunicação em desconstrução

Luísa Maria Rutka Dezopi

O trabalho intelectual, a Teoria Crítica e a denúncia da racionalidade instrumental

Luiz de Camargo Pires Neto

Para além dos espaços públicos, heterotopias

Coffee break

16:00

Conferência de fecho do dia

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Moderação de André Barata

Slavko Splichal

A farewell to the public? Transformations of the public sphere in the age of integrated public-private communication networks

28 JUNHO

9:30

Conferência de início do dia

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Moderação de Anabela Gradim

António Fidalgo

A Decadência do Ocidente

Coffee break

10:30

Conferências da manhã

Moderação de Elisa Zwick

Hartmut Wessler

Three entry points for a deliberative theory of emotions

Maria João Silveirinha

Lágrimas de crocodilo, zanga e outras emoções: Por uma reconstrução feminista do espaço público

14:00

Sessões Paralelas V / VI

Sessão Paralela V

Transições e transformações da comunicação pública e do espaço público

Sala dos Conselhos

Moderação: Celene Ferreira

Janilce Silva Praseres

A crise da cultura: uma leitura henryana da ciência moderna

Leslye Revely dos Santos Arguello

Projeto Escola Fazenda Canuanã - Brasil: Trabalho colaborativo e beleza no espaço público

Gil Ferreira e Joana Fernandes

Liberdade de Expressão na era digital: a relevância do artigo 19º e a formação superior em comunicação

Andrés Buzzone

Transições e transformações da comunicação pública e do espaço público

Elaine Santos

(Re) criando elos e espaços: um exercício sócio-político da loucura

14:00

Sessão Paralela VI

**Comunicação e espaço públicos:
problematização de impactos políticos e sociais**

Sala 2.01

Moderação: Gil Ferreira

Paulo Antônio de Sousa Marquêz
O Poder Legislativo Municipal visto como espaço midiático de Transparência, Participação Social e Educação Cidadã

Gil Ferreira e Susana Borges
Informado pelos pares: sobre o Facebook como fonte e a satisfação com a democracia

João Duarte Borges Martins de Vasconcelos Simão
Lobbying e Comunicação Estratégica: Contributos para uma melhor Participação Política

Danielle de Gois Santos Caldeira, Elza Dutra e Irene Borges-Duarte
Refletindo sobre feminicídio: ética como estratégia na articulação comunicação e espaços públicos

Júlia Teixeira de Carvalho e Maria Teresa Mariano
A percepção dos formandos em Administração na Puc Minas campus Poços de Caldas sobre ética e suas concepções

Coffee break

15:00

Conferências da tarde

Moderação de Catarina Moura

Henning Teschke
Ataraxia estoica e indiferença pós-moderna

Moisés de Lemos Martins
O espaço público à prova das narrativas transmediáticas

29 JUNHO

9:00

Sessões Paralelas VII / VIII

Sessão Paralela VII

Transições e transformações da comunicação pública e do espaço público

Sala dos Conselhos

Moderação: Catarina Rodrigues

Heitor Costa Lima da Rocha e Anabela Gradim

Jornalismo objetivista, construtivismo e filosofia: do discurso autoritário à interpelação dialógica da diversidade de interpretações da comunidade de comunicação

Ana Maria Emaides, María Liliana Salerno, Maria Daniela Paredes, Juan Balussi, Frederico Weissbein

Uma marca estrutural das indústrias culturais: a flexibilidade do trabalho no espetáculo musical

Cláudia Liz de Castro Pacheco

A comunicação autárquica e a sua relação com os jornalistas – O caso das salas de imprensa online dos municípios portugueses

Iolanda Soares de Barros

A imagem do negro na mídia baiana

Milena Albuquerque, Janilce Silva Prazeres e Paulo Serra

“QR Code: O Código para Vida Eterna”

Celene Fidelis Frias Ferreira

Por uma Comunicação Decolonial

Sessão Paralela VIII

Espaços públicos, teoria social e pensamento filosófico

Sala 2.01

Moderação: André Barata

Rodolfo Victor Cancio Evangelista
e Géerson Pereira Filho

A generalidade do eu: reflexões sobre o impessoal

Bruno Serra

A onda invisível: dinâmicas de grupo e opinião pública na era das redes sociais

Flávio Henrique da Silva e
Ronny Francy Campos

ENVELHESER: “Numa certa época da sua vida, você não tem que justificar mais nada” (Estudo de caso acerca do envelhecimento de um homem homossexual)

Marivania Cristina Bocca e
Daniel Marcio Pereira Melo

Abordagem Biográfica: a psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo como possibilidades para uma práxis em psicoterapia on-line

Coffee break

10:00

Conferências da manhã

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Moderação de João Correia

Francisco Xarão

A tendência à destruição do domínio público pela hegemonia da razão neoliberal

João Pissarra Esteves

Breve Diagnóstico Geriátrico sobre o Estado dos Novos Media

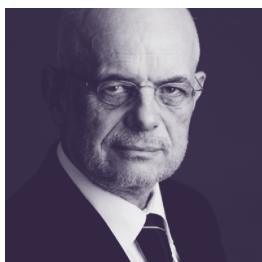
11:30

Sessão de Encerramento

Anfiteatro da Parada / Cinubiteca

Coordenadores e representantes das universidades parceiras

KEYNOTES SPEAKERS
ORADORES CONVIDADOS



António Fidalgo

Universidade da Beira Interior, Portugal

A Decadência do Ocidente

A nostalgia de uma idade do ouro perdida acompanhou a civilização ocidental desde os gregos até ao final da Idade Média. Para esse passado mítico olhava-se com um misto de perda, gratidão e melancolia. Nem o saber nem a virtude dos antigos poderiam alguma vez ser emulados pelos modernos, anões aos ombros de gigantes como cria João de Salisbúria.

O racionalismo iluminista, de que Kant foi arauto, inverteu este quadro mental com uma vontade de superação que coloca confiança ilimitada na ciência, no progresso e na técnica. Este programa de emancipação das Luzes prossegue na Ciência com o positivismo e neo-positivismo, e na história das ideias com Hegel e todos os pós-hegelianos, de Marx a Peirce, passando por Heidegger, pela escola de Frankfurt e todos os habermasianos. A História da humanidade tem um sentido ascendente, orientando-se para o progresso. Esta corrente persiste no

optimismo de Steven Pinker, mas foi sendo duramente questionada na política com as duas guerras mundiais, na ciência com a sua transformação em empreendimento provisório e revisível (Heisenberg, Godel, Kuhn, Popper), e no campo social com as crises cíclicas do capitalismo, hoje marcadas na sociedade pós-industrial pelas plutocracias, globalização, automação e fim do trabalho. Na literatura são prolíficas as visões distópicas do futuro, de Huxley, Orwell, ou Atwood, até Raspail ou Houellebeck. E este ethos de perda do pós-modernismo não mais deixará a Europa. Estará o programa da modernidade esgotado, e o Ocidente, mormente a civilização europeia, a entrar num ciclo de regressão próprio de todos grandes Impérios? O inverno demográfico e a pujança vital dos bárbaros às portas do Império não o desmentem. E este é um mal-estar antigo. Antero analisara-o localmente, centrando-se na realidade Ibérica nas Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, mas é Spengler que, meio século mais tarde, aponta a organicidade das civilizações: não são máquinas, mas entidades orgânicas que nascem, crescem, vivem e morrem. A “decadência” não é mais do que evolução e desenvolvimento natural do orgânico, cujo destino é a dissolução. Entre estes dois pólos, Hegel e Nietzsche permanecem como as figuras tutelares da reflexão sobre o destino da civilização europeia, o nosso.



Francisco Xarão

Universidade Federal de Alfenas – MG, Brasil

A tendência à destruição do domínio público pela hegemonia da razão neoliberal

Partindo das distinções Arendtianas do conceito de público enquanto aparência, exposição e publicidade e público como compartilhamento de um mundo comum tentarei mostrar como nossa percepção da realidade é dependente do senso comum. Essa característica própria da condição humana submete todas as sociedades ao desafio de criar e manter um domínio público, em que as distintas opiniões possam, ao confrontar-se umas com as outras e ambas com o mundo percebido, elevar-se do nível da opinião própria ao patamar de visão comum da realidade, tornando, assim, o mundo partilhável. Em seguida apresento as características da razão neoliberal para concluir que ela não pode fundar um domínio público e até necessita de sua destruição. Apresento essa ameaça da hegemonia da razão neoliberal sobre o senso comum

contemporâneo em termos de tendência por que a total destruição do domínio público significaria também a extinção das sociedades humanas como agregação social e política, o que já foi tentado nos regimes totalitários e fracassou.



Gerson Pereira Filho

Pontifícia Universidade Católica – MG, Brasil

A Cidade enquanto espaço público: pensar a cidade, pensar a política

Pretendo desenvolver minha fala neste simpósio, em correlação ao tema proposto, com uma abordagem em torno da “cidade” enquanto espaço público e de políticas públicas. Minha referência principal, enquanto tal, remonta às origens da filosofia e às origens da noção de “espaço público” a partir “*pólis*”, a cidade-estado grega e sua representação. A *pólis* enquanto espaço de *koinonia*, isto é, o espaço da comunicação e do convívio comum; comunicação no sentido das relações cotidianas que são asseguradas pelas necessidades organizativas da vida, porém, muito mais, pela busca de propósitos que visem o bem comum, o bem-estar coletivo, no espírito da “*areté*” e da “*eudaimonia*” (a excelência virtuosa e a felicidade, bem estar), conceitos tão caros à boa parte da filosofia grega. A *koinonia* está acima da democracia. Enquanto a democracia assegura o bem-estar

de um certo grupo, ainda que majoritário, os interesses de um ou mais “*demos*”, a *koinonia* busca assegurar o bem integralizado entre todas as partes. E tal possibilidade é dialética, por expor diretamente as contradições de interesses e segmentos dentro as “partes” que dividem o espaço público e que se interpõem pela contradição das ideias e discursos; porém, pela intermediação da filosofia que deve ser dialógica, e pela *práxis* política, é possível realizar essa “comunhão” entre as partes; o *lógos* filosófico que pensa o bem coletivo e se sobrepõe à doxa que pauta as vontades particulares.



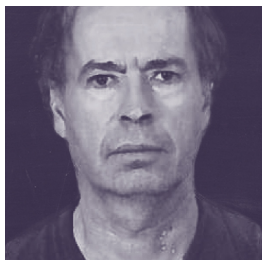
Hartmut Wessler

Universidade de Mannheim, Alemanha

Three entry points for a deliberative theory of emotions

Conventional wisdom has it that there is no room for emotions in Habermas's work. But, as Michael Nebo has aptly remarked, for deliberativists the antonym of reason is not emotion, but power. Thus, instead of denying the importance of emotion, deliberative theory asks which emotions support deliberative qualities of debate that reign in the unabashed exercise of power, and which emotions do not. In this talk I reconstruct three complementary entry points for a nascent deliberative theory of emotions. First, in "The inclusion of the other" (1998) Habermas himself grants moral feelings like abhorrence, contempt, shame or guilt the function of justifications in situations of perceived moral transgression. Second, self-transcending emotions like pity, gratitude, and respect open discussions to the concerns and feelings of formerly neglected others and thus support more delibera-

tive orientations. Positive self-centered emotions like amazement and hope, finally, can open up discursive spaces, particularly in pre-revolutionary situations, as they mark an acceleration of societal learning. I then call for more sophisticated analysis of both the emotional basis of deliberative qualities in mediated discourse and the rational interpretation of emotions in public debates.



Henning Teschke

Universidade Técnica de Dortmund, Alemanha

Ataraxia estóica e indiferença pós-moderna

Desde sempre, a teoria do conhecimento indica a forma histórica particular da antinomia do poder e do saber remetendo para o fundo comum da política e da epistemologia. No que diz respeito a constelação do estoicismo e da atitude pós-moderna, essa dialética se manifesta no par da interioridade subjetiva e da exterioridade objetiva. Conforme à lógica de diferença e repetição, esses conceitos permitem de relacionar o presente com a antiguidade tardia, duas épocas que alteram a posição do Eu em frente do mundo.



João Carlos Correia

Universidade da Beira Interior, Portugal

The public sphere and selective sharing: as the truth is tailored to the cell phone

The work of psychologist David Stilwell, from the Center for Psychometrics Studies in Cambridge, has more accurately analyzed Facebook's potential for predictions about users' attributes. Something that was known empirically or intuitively through the metaphors of vigilance since the panopticism from Bentham to Foucault to the great observer brotherhood of George Orwell, became the object of systematic work on the possibilities of evaluation of the personality through the use of the networks social and mobile devices by users. This contribution gave analytical support to studies of such uses in "human resource management" in a perverse sense (the human resource as a function of instrumental interests) in areas such as politics, advertising, and manipulation. The hypotheses developed in the work of Stilwell have privileged this dimension,

opposing it to the formation of information bubbles and the political polarization worked long ago by authors like Gitlin or Cass Sunstein. The hypothesis presented at this conference introduces the concept of selective sharing, following the studies on selective exposure and selective perception developed in the 1950s and 1960s. At the time, it was understood that citizens were preferentially exposed to the messages with which they agreed (selective exposure) that also perceived better (selective perception). Today, the issue has returned because of social networks, and the hypothesis advocated by me is limited to adding that people share the messages they agree with more easily: the fake news themselves are the product of a selective sharing in which the partisan shares the messages thanks to their agreement with their meaning and not according to the adequacy to the reality. Unlike Stilwell, it is believed that this phenomenon is not the opposite of the one he studied: predicting user characteristics and detecting personality patterns allows narrowing the messages into niches such as, conversely, user feedback is useful for to consolidate these niches marked by effective adhesion in the function of detected personality traits. In this way, we see the destruction of publicness and its transformation through a logic of stimulus-response and desire-gratification in a public space functionalized in a way that recalls the (more critical) descriptions of Habermas's early works and Herbert Marcuse.



João Pissarra Esteves

Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Breve Diagnóstico Geriátrico sobre o Estado dos Novos Media

Como alternativa à dicotomia novos media/media tradicionais e, igualmente, ao determinismo das visões utópicas e distópicas sobre o novo espaço público virtual, discutimos as vantagens de equacionar uma nova ecologia dos media. Um conceito que se abre às tensões e ambivalências da atual comunicação pública, com o qual pretendemos dar forma, nestes tempos sombrios para as nossas democracias, a uma perspetiva crítica construtivista sobre o presente tecno-sistema.



Maria João Silveirinha
Universidade de Coimbra, Portugal

Crocodile tears, anger and other emotions: For a feminist reconstruction of the public sphere

Christine Blasey Ford and Brett Kavanaugh's testimony in the hearings of the US Senate Judiciary Committee in order to help US Senators decide whether to confirm Kavanaugh's appointment to the Supreme Court echoed in the media space far beyond from United States. The occasion allows us to think about how emotions are part of collective life and their place in the public sphere as well as in the deliberation processes that it shapes. To that end, we will explore how emotional life have often been overlooked in thinking about the public sphere and how we can move beyond this silencing. We shall look at the insights of John Dewey and Janes Addams as we move on to a feminist understanding of the emotions that can help us rebuild a more embodied and experiential public sphere.



Moisés de Lemos Martins
Universidade do Minho, Portugal

O espaço público à prova das narrativas transmediáticas

Estabelecendo-se no meio de nós como um acontecimento maior, as tecnologias digitais e criativas, multimodais, híbridas, inovadoras e interativas, convocam para a mesma “galáxia semântica”, a indústria, a arte, a academia e as comunidades humanas, permitindo-lhes uma navegação universal, por novos territórios, novos ambientes, novas paisagens e novas atmosferas.

Esta circum-navegação tecnológica, que se apoia no computador e faz convergir no mesmo ecrã, a máquina fotográfica, a máquina de filmar, a programação informática e o design gráfico, não deixa, todavia, de constituir uma travessia. Porque muitas das práticas transmediáticas, enquanto práticas de imitação e propagação de histórias não passam de artifícios de marketing, ao serviço da competição, que concretiza a ideologia de mercado. Além disso, as práticas transmediáticas que assen-

tam na repetição, como por exemplo as sequelas de videojogos, não são verdadeiramente criativas, tendo um valor artístico diminuto. E é também uma travessia o facto de nas narrativas transmediáticas permanecer uma tendência para a gamificação, que se verifica não apenas nos conteúdos, mas também na inclusão de experiências lúdico-imersivas, como acontece com os jogos de realidade alternativa.

A simulação e o simulacro nunca foram tão poderosos. Mas é também por essa razão que vemos a comunidade humana sucumbir, de modo tão rotundo, ao fascínio emocional, ao espetáculo extático e à alienação do consumo.

Neste contexto, como funciona o espaço público, ele que é um espaço de liberdade ao serviço da cidadania, reforçando e aprofundando a democracia?

A travessia que importa fazer, pela abertura aos territórios, ambientes, paisagens e atmosferas da nova cultura tecnológica, de que as narrativas transmediáticas são uma expressão, é uma travessia apoiada na “imaginação simbólica”, uma travessia que combina técnica e emoção, e também o novo e o arcaico. Mas é, igualmente, uma travessia que não dispensa o logos argumentativo, aplicado às literacias digitais. São estas literacias que expandem a nossa capacidade de narrar, ao tornarem possível a pesquisa de informação online, a interpretação e a avaliação de conteúdos digitais, e mesmo a sua produção.

Dadas estas circunstâncias, por muitas que sejam as dificuldades a enfrentar nesta travessia pelos novos mares das narrativas transmediáticas, é legítimo pensar num horizonte de democratização da inovação e da criatividade, em que cada um possa expressar e comunicar o que a sua imaginação consiga criar. Por outras palavras, embora esta circum-navegação seja uma travessia, é um facto que as comunidades humanas participam nela largamente, razão pela qual a criatividade em rede e a partilha da criação não podem deixar de constituir um forte impulso à cidadania.



Jesus Adrian Escudero

Universidade Aut3noma de Barcelona, Espanha

The End of the Workplace: From the Productive Subject to the Entrepreneur of the Self

The classical industrial model of the XXth century based upon the hiring of physical and bodily workforce is increasingly becoming replaced in the current digital society by a new kind of "worker": the entrepreneur of the self. In other words, we are witnessing how the figure of the productive subject of industrial society enters in concurrence with the entrepreneur of the self. Here we would like to further contrast both models and analyze how those changes are modifying the very notion of the workplace and giving rise to the new concept of psycho-politics.



Slavko Splichal

Universidade de Ljubljana, Eslovênia

**A farewell to the public?
Transformations of the public
sphere in the age of integrated
public-private communication
networks**

The paper addresses historical tendencies in reconceptualizations of publicness and related concepts -- the public, public opinion and the public sphere --, which have attempted at 'expanding' the concepts to new empirical settings (e.g. new technologies, business models, political regimes) rather than introducing genuine normative/theoretical innovations. These endeavours involve risks of bringing back into the conceptualization of the public/sphere characteristics and ideas that had initially been excluded or opposed to the concept (e.g. mass vs. public -- 'mass public') and, thus, abandoning the elementary critical string of publicness as a critical concept, which alone can identify research on social phenomena that refer to the critical idea of the public.

ABSTRACTS

RESUMOS

Aceleração Social, Pós-Verdade e Comunicação Pública

Esta comunicação é composta por três momentos. Em primeiro lugar, é feita uma breve revisão da literatura sobre a modificação da percepção moderna e contemporânea do tempo social, com particular enfoque no fenómeno da aceleração social. Em segundo lugar, é explorada uma conexão entre esta modificação e outro fenómeno contemporâneo, vulgarmente designado por pós-verdade e que se propõe aqui definir como desvalorização do valor social da diferença entre verdade e falsidade. Essa desvalorização encontra causa seja de ordem social seja de ordem epistemológica. Em terceiro lugar, são avaliadas as consequências desta crescente situação contemporânea para uma compreensão das possibilidades e limites da comunicação pública hoje.

O cotidiano midiaticizado dos Evil-bots: debates sobre Educação, pensamento crítico e marketing político

O artigo visa analisar a utilização de social bots nas redes sociais na eleição presidencial brasileira de 2018 e, em paralelo, o papel da Educação Crítica para a Mídias frente à este cotidiano atravessado por tecnologias. O objetivo é perceber se os bots foram capazes de influenciar o posicionamento da população nas redes sociais, buscando perceber a influência dessa atuação na propagação de notícias falsas e o papel da Educação neste cenário. Para basear a pesquisa e a análise dos resultados, foram utilizados referenciais teóricos sobre o cotidiano, pensado a partir das interpretações de Agnes Heller e Karel Kosik, e sobre a Educação Crítica para as Mídias, orientada pelas análises de Leandro Assis e Alexandre Farbiarz, para dialogar com as obras de engenharia social, bots, fake news, social media, pós-verdade e marketing político. A investigação dos dados é realizada através de estudo de caso e análise de resultados retirados do projeto Trending Bots, do site Congresso em Foco. Ao finalizarmos o estudo, percebemos que a afirmação de que os bots influen-

ciaram a campanha de Jair Bolsonaro é verdadeira e que, além disso, é uma ameaça à democracia e é necessário traçar normas para a utilização e regulação desta estratégia que está ganhando forças no marketing político e, evidentemente, reforçar o processo educacional proposto na sociedade contemporânea.

Palavras-chave : marketing político, cotidiano, educação, bots, fake news

Bruno Rafael Gueiros Barbosa

Descartabilidade das notícias: a obsolescência do conteúdo informativo na hipermodernidade

Este artigo tem como objetivo oferecer uma interpretação a respeito do que denominamos descartabilidade das notícias. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica a partir de teóricos da sociedade pós-moderna, da cibercultura e da sociedade contemporânea, que pavimentam conceitualmente o caminho para a hipermodernidade (Lipovetsky e Serroy, 2011). Esse tempo é permeado por uma teia complexa de conexões descentralizadas (Castells, 2009) que afeta o ser humano, já não mais um sujeito disciplinar, mas um sujeito do desempenho e da produção (Han, 2017). O que o cerca é, de forma geral, a ampliação sem precedentes do universo da comunicação e uma nova estrutura técnico-ope-

racional que enseja uma hipercultura, em que a rede se transforma num espaço envolvente. A onipresença das telas e a abundância de informação geram

desorientação generalizada e os laços humanos são enfraquecidos frente à interconexão global e à hibridização do mundo (Bauman, 2013). Num ambiente onde realidade e virtualidade se confundem, a rapidez dos dados e a sobrecarga de informação acabam por fragilizar o pensamento e a capacidade de reflexão crítica (Canclini, 2008), sobretudo nas redes sociais digitais, nas quais a argumentação racional não encontra tempo na discussão pública. Se, ao que a literatura indica, o modelo das mídias sociais orientado pela lógica da obsolescência instantânea afeta significativamente o consumo, é possível concluir que essa realidade se faz presente de forma semelhante no consumo de novidades, gerando a descartabilidade das notícias: conteúdo noticioso que não é efetivamente consumido e está sujeito a constantes desatualizações.

Palavras-chave: descartabilidade das notícias, conteúdo noticioso, mídias sociais, sociedade do desempenho, obsolescência instantânea.

Gente que não sabe estar: ou de como temos de perceber que há coisas que não se podem dizer

Partindo de um título irónico, a nossa comunicação assenta num pressuposto assumidamente polémico: o de que o espaço público dos nossos dias é alvo de contínua intervenção por parte de forças políticas e sociais que pretendem condicionar e limitar as palavras que podem ser usadas e os assuntos que podem ser debatidos, visando, com isso, impor uma linguagem e uma visão do mundo. O nosso trabalho procurará delinear a génese deste movimento – geralmente designado como “politicamente correto” (PC) – identificando a dinâmica que marca a lógica dos discursos: se eles inicialmente se apresentam como libertadores (como ‘paroles’ violentas), o sucesso do seu empreendimento conduz à sua transformação em dinâmicas opressivas (como ‘langues’ sistémicas). Assim, se inicialmente as motivações do PC passavam pelo reconhecimento do modo como a linguagem pode constituir um fator de opressão e discriminação e pela promoção da inclusão, a evolução do movimento conduziu-nos hoje a um contexto de vigilância constante sobre o que não se pode dizer – o mesmo é dizer, sobre o que não se pode pensar.

Estas regras, valendo para o espaço público, têm como objetivo introduzir-se, com o tempo, na esfera privada, e é nesse sentido que podemos referir a dimensão totalitária do movimento. Se as consequências se têm feito sentir nos países anglo-saxónicos há já vários anos, em Portugal o seu impacto começa a assumir contornos relevantes, pelo que importa discutir os seus pressupostos e as suas consequências. Nesse sentido, desenvolveremos as seguintes linhas de análise: 1) que legitimidade epistemológica de acesso privilegiado à verdade pode este movimento reivindicar para impor a sua visão do mundo? 2) quais as consequências para o domínio académico quando as discussões são promovidas com base em princípios de ativismo sem que haja espaço para o contraditório? 3) como compatibilizar este movimento com os valores de sociedades democráticas, que tradicionalmente se afirmaram contra regimes autoritários por haver liberdade de pensamento e expressão? 4) qual a relação entre este movimento e os movimentos populistas e de direita radical que surgem agora como vozes libertadoras?

Palavras-chave : Politicamente correto, ‘paroles’ violentas, liberdade de pensamento e de expressão

Os social media e as formas alternativas de participação: o caso do movimento dos coletes amarelos

No ambiente digital contemporâneo os media sociais têm-se destacado pela sua utilização enquanto meios alternativos para a participação política um pouco por todo o mundo (Dahlgren, 2013). São vários os exemplos de manifestações e movimentos de protesto, que têm na sua base uma organização centrada nas potencialidades dos social media. Basta pensarmos nos movimentos Occupy, nos EUA, nos Indignados em Espanha, ou no movimento Que se Lixe a Troika, em Portugal (Figueiras & Espírito Santo, 2016; Figueiras, Espírito Santo & Cunha, 2015), para referir apenas alguns. As possibilidades em termos comunicativos, nomeadamente a facilidade em fazer circular a informação, aliada ao carácter interativo destes meios fazem deles ferramentas únicas que muitos têm sabido utilizar. O período de expansão dos sites de redes sociais acabou por corresponder ao momento de maior questionamento do sistema político, devido à desconfiança crescente dos cidadãos, resultado das crises de representação, da aplicação das medidas de austeridade e como resposta às políti-

cas neoliberais (Dahlgren, 2014). É nesse contexto que os cidadãos começam a utilizar estes sites de redes sociais para reivindicarem os seus direitos, e é neste âmbito que surgem, aos poucos, o que muitos consideram novas formas de cidadania (Coleman, 2017). Distanciando-se dos partidos tradicionais, surgem novos atores políticos nas redes, que desenvolvem formas distintas de mobilização social e cívica, “porque fundamentalmente reticulares, fluidas e espontâneas - em virtude do papel que nelas assumem as novas tecnologias de informação e comunicação...” (Teixeira, 2018, p. 105). Os sites de redes sociais promoveram assim novas formas de mobilizar o apoio popular, mas os antigos métodos presenciais da política institucional, com a participação nas ruas, continuaram a fazer parte da equação (Esposito, Sonn & Voll, 2016). Partindo desta ideia, procuramos analisar o recente movimento dos “Coletes Amarelos” em França, mas sobretudo a importação da ideia para Portugal, numa tentativa de ocupação das ruas que, apesar de ter no seu momento organizativo, a conexão e interligação nas redes digitais, não teve a mesma efetividade nas ruas. O objetivo é refletir sobre as transformações do espaço público e a emergência de novos ativismos digitais enquanto formas de auto-representação.

Palavras-chave : Social media; Participação; Crise de representação; Ativistas digitais; Coletes Amarelos

David Gonçalves Borges

Universidade Federal do Piauí / Universidade da Beira Interior

A terceira e a quarta revoluções industriais teriam contribuído para a ascensão da “nova direita”? Uma análise a partir da teoria crítica do valor

A terceira e a quarta revoluções industriais teriam contribuído para a ascensão da “nova direita”? Uma análise a partir da teoria crítica do valor. A emergência de uma “direita alternativa” a partir da crise econômica de 2008, que levou à ascensão de governantes como Jair Bolsonaro (no Brasil), Donald Trump (nos EUA) e Viktor Orbán (na Hungria), entre outros, tem sido frequentemente interpretada como epifenômeno político decorrente do avanço tecnológico proporcionado pela microeletrônica e pelas novas tecnologias informacionais – que teria levado ao surgimento de novos métodos de propaganda e comunicação política, tais como as “fake news”, os “bots”, o jornalismo ideologicamente engajado centrado na internet, e assim sucessivamente. Tais fenômenos receberam alguma atenção dos acadêmicos, que têm procurado analisá-los utilizando-se de ca-

tegorias como “pós-verdade” ou “pós-política”, que apontariam para configurações sociais completamente novas e, até mesmo, inesperadas. No entanto, é perceptível que apesar de ter adaptado seus métodos à tecnologia existente, a “nova direita” encontra-se profundamente comprometida com a defesa de teses que remontam aos primórdios da modernidade, não sendo prudente, portanto, analisá-la como um fenômeno social qualitativamente distinto do assim chamado “paleoconservadorismo”. A teoria crítica do valor, elaborada ao longo das décadas de 1980 e 1990 pelos intelectuais ligados às revistas *Krisis* e *EXIT!*, na Alemanha, prognosticou adequadamente inúmeros fatores que contribuíram para a o surgimento da “nova direita” duas décadas antes de sua concretização; entre eles, a crise econômica mundial, o crescimento do desemprego estrutural ocasionado pela revolução microeletrônica, a renovação do populismo nos estados da periferia geopolítica, as migrações em massa, a militarização das questões sociais e as “guerras de ordenamento mundial” – todos eles, indícios de uma crise latente no modo de reprodução econômica e social vigente. Desta forma, resgatando-se alguns conceitos-chave desta teoria, não apenas torna-se possível analisar o crescimento global da “nova direita”

sem necessariamente recorrer à criação de categorias filosóficas, sociológicas ou antropológicas inteiramente novas, como também passa a ser viável conjecturar a respeito do comportamento e do desenvolvimento futuros de tais grupos ideológicos.

Palavras-chave : Nova direita; Alt-right; Crítica do Valor; Neopopulismo

Teresa Duarte Martinho

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Dilemas do cruzamento entre ciências sociais e engenharia computacional: o caso da investigação em cultura com recurso a big data

O surgimento de ‘big data’ e da data science está a colocar as ciências humanas e sociais numa fase de questionamento e reconsideração de objectivos, teorias e métodos. Neste cenário, emergiram novos programas de investigação do sector cultural, reconfigurando as abordagens quantitativas e a ligação entre teoria e trabalho empírico. A comunicação toma como ponto de partida principal duas propostas apoiadas na articulação com as engenharias computacionais para estudar os fenómenos culturais em larga escala: ‘distant reading’ e ‘cultural analytics’. A finalidade é mostrar as suas possibilidades e limitações no processo de cons-

tituição do conhecimento científico. Conclui-se que as análises de extensos corpora apoiadas na computação podem apontar pistas e tendências importantes para as investigações sobre cultura e outras áreas da esfera social. Ao mesmo tempo, ficou perceptível que, na confluência com as engenharias computacionais, as ciências humanas e sociais precisam poder continuar a praticar a sua aptidão para problematizar o social, contextualizar e situar objetos de análise, discutir significados simbólicos de muito extensos universos de artefactos e discursos. Poderão, assim, contribuir para superar limitações detetadas nas análises de larga escala, como a subvalorização da teoria e o alcance diminuto dos agentes individuais e dos sentidos das suas acções.

Palavras-chave : big data; ciências humanas e sociais; engenharia computacional; cultura; teoria

Revisitando Kierkegaard: a hipertrofia do espaço público e a pulverização do indivíduo na era das redes sociais

Actualmente, observamos um declínio dos espaços públicos tradicionais e a emergência de novos espaços públicos mediatizados. O espaço público contemporâneo consiste, fundamentalmente, no universo criado pela Internet através das mais diversas redes sociais. A sociabilidade virtual teve um crescimento vertiginoso. Hoje, o espaço público é global e influencia acontecimentos sociais e políticos à escala local, regional e global. Nesta comunicação pretendemos estudar as transformações ocorridas no espaço público, justamente, em virtude da hegemonia das redes sociais virtuais, tendo como referência a análise da imprensa realizada por Kierkegaard, em especial, na obra *Two Ages: A Literary Review*, de 1846. Segundo ele, a imprensa é um modo de constituição da comunicação fora da oposição verdade-falsidade, e o resultado da sua massificação é o “público”. Para Kierkegaard, o “público” é uma (não-)entidade abstracta e anónima que absorve e pulveriza o indivíduo. Uma época dominada pelo “público” anula a personalidade dos indivíduos. Ora, procuramos mostrar que as análises

de Kierkegaard se aplicam perfeitamente ao modo como a hegemonia das redes sociais transformou o espaço público hodierno. A diferença reside, sobretudo, na circunstância de as redes sociais elevarem a uma escala completamente descontrolada aquilo que ainda ocorria de modo incipiente na imprensa do seu tempo. A novidade está na dimensão, na extensão e na rapidez que as redes sociais de hoje alcançam – e, consequentemente, na amplitude dos seus efeitos. Assim, as críticas de Kierkegaard à sua época parecem adequar-se ainda melhor à nossa. Aquilo que imaginou como consequência da massificação da imprensa está agora plenamente concretizado pelas redes sociais virtuais. Finalmente, as análises de Kierkegaard sugerem que o poder das redes sociais e da “opinião pública” delas decorrentes, longe de representar um instrumento ao serviço da democratização ou um triunfo dos ideais democráticos, configura uma verdadeira ameaça à Democracia. No entanto, Kierkegaard adverte que não há como assegurar as virtudes éticas e políticas da esfera pública, pois esta é, desde o início, a própria fonte do perigo. Na sua perspectiva, a solução só poderá encontrar-se no indivíduo.

Palavras-chave : Ameaça à democracia, anulação da diferença entre verdade e falsidade, espaço público, Kierkegaard, redes sociais

Eduardo Ramalho Rotstein
Universidade Federal do Rio de Janeiro /
PPGF

O Estado Mundial de Ernst Jünger: Uma leitura sessenta anos depois

Em *O Estado Mundial* (1960), Ernst Jünger nota uma profunda afinidade entre os principais oponentes na Guerra Fria. Na semelhança de seus símbolos e motes, de suas técnicas e práticas, evidenciava-se a existência de um estilo global, ele próprio, prenúncio da absorção das nações históricas numa única e inédita organização planetária. Hoje, sessenta anos após sua publicação, o ensaio de Jünger desperta atenção por causa do surgimento de uma constelação análoga no panorama geopolítico: em meio à crescente unificação do globo, promovida sobretudo com as novas tecnologias da informação, recrudescer o conflito milenar entre Ocidente e Oriente. Sob o ensejo da analogia entre ontem e hoje, procuramos n' *O Estado Mundial* um eixo para o exame da situação atual e, inversamente, fazemos desta uma pedra de toque de suas principais formulações teóricas. Perguntamos: Como o progresso da técnica afeta o quadro tradicional das instituições? É possível que as segmentações radicadas na biologia do homem, ou no passado remoto das culturas, sejam abolidas por exigência da grande or-

ganização? Deve-se enxergar um processo inexorável no movimento acelerado de transformação por que passa a humanidade? Paralelamente, a resposta oferecida pelo próprio Jünger será submetida ao crivo dos acontecimentos mais recentes: afinal, seria a expansão material em curso, mais que o resultado dos esforços humanos de bem-estar e segurança, o signo de um movimento cósmico, de uma transição da Terra para uma nova era?

Palavras-chave : filosofia política; novas tecnologias; revolução digital; globalismo

Luísa Maria Rutka Dezopi

Pesquisadora de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp

O trabalho intelectual, a Teoria Crítica e a denúncia da racionalidade instrumental

A partir de *Dialética do Esclarecimento* (1944) e *Eclipse da Razão* (1947), de Theodor Adorno e Max Horkheimer, a presente proposta de pesquisa tem por objetivo central estudar como a Teoria Crítica confere entendimento a categoria de trabalho intelectual tendo em vista o cenário da indústria cultural norte americana. Isso implica no desdobramento da imagem do cientista tradicional através da crise da razão e do sacrifício das contradições e complexidade de pensamento, em confronto com a função intelectual crítica que

promove diagnósticos de época transpostos de juízo existencial e contradições conscientes. Para isso, como horizonte de preocupação e problemas faz-se necessária a revisão da Filosofia da Ilustração, imagem do cientista tradicional, crítica ao conceito de Iluminismo, e dualidade mito-razão; tendo separação entre sujeito e objeto, indústria cultural, dominação, racionalidade instrumental e paranoica como as principais unidades de análise em vista nesta pesquisa. Assim sendo, defendo a hipótese de que a categoria ocupada pelo intelectual crítico, para esses autores, encontra-se numa posição privilegiada no capitalismo tardio, estabelecendo-se de forma antagônica e sólida em relação a racionalidade instrumental. E por isso é um elemento de extraordinária importância para sustentar o sistema explicativo da Teoria Crítica e compreender os fenômenos sociais desencadeados pela racionalidade instrumental. Nesse sentido, tenho como referências bibliográficas, para essa tentativa de crítica imanente à gênese e características do trabalho intelectual, obras selecionadas de Adorno e Horkheimer e de seus comentadores, como Martin Jay, Bárbara Freitag, Sergio Rouanet, Marcos Nobre, Robert Sinnerbrink, Seyla Benhabib, e Rolf Wiggershaus. E os resultados obtidos serão entendidos através de um

estudo atento e aproximado da questão de pesquisa via reflexões filosóficas e interdisciplinares, que promoverão critérios inerentes dela mesma para considerar, julgar e entender as unidades de análise.

Palavras-chave : Trabalho intelectual; Teoria Crítica; Theodor Adorno; Max Horkheimer; Positivismismo Lógico e Teoria Tradicional

Vinicius Barbosa Albernaz

Mestrando em Ciência Política - Universidade da Beira Interior

Análise das características do discurso populista de Jair Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018

Este trabalho busca analisar as principais características do discurso político do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 e o seu impacto na sociedade brasileira. A metodologia utilizada na presente investigação se dá através da pesquisa teórica, exploratória com revisão bibliográfica e utilização do método de análise do discurso de Vargas et al (2018). Este trabalho divide-se em três grandes eixos sendo apresentado: 1- o percurso crítico do populismo, 2- populismo e neopopulismo na América Latina e 3- as características do discurso populista do candidato Jair Bolsonaro. Ao final do artigo, apresenta-se a ideia central acerca dos principais pontos do

discurso de Jair Bolsonaro que conduzem a análise crítica, levamos a concluir que o seu discurso caracteriza-se fundamentalmente por um discurso político populista contemporâneo na América Latina.

Palavras-chave : populismo; discurso; jair bolsonaro; eleições; brasil

José Nuno Matos

ICS-ULisboa E

Para uma sociologia dos ex-jornalistas

Para uma sociologia dos ex-jornalistas O jornalismo atravessa um período de turbulência, visível no encerramento de publicações impressas e, por contraste, no surgimento de novos tipos de media. A configuração de um novo mapeamento ocupacional, mobilizado por novas competências associadas ao digitalismo, exige um novo tipo de jornalista, tornando obsoletos os velhos perfis da ocupação. Ao mesmo tempo, o acesso gratuito à informação e as novas oportunidades de negócio ao nível das indústrias de publicidade originam a diminuição de receitas das empresas de comunicação social. Face a isto, as empresas têm recorrido a processos de despedimento coletivo e aos mais variados instrumentos de regulação laboral, do estágio ao «recibo-verde». O objetivo desta apresentação é analisar estas

transformações a partir dos percursos socioprofissionais de ex-jornalistas, procurando-se compreender o que motivou o fim da atividade, a condição de trabalho posteriormente alcançada e, por fim, a sua perceção do jornalismo. Palavras-chave : jornalismo, ex-jornalistas, precariedade, desemprego

Júlia Lourenço Costa

FAPESP - UFSCar/Univ.Paris13

#EleNãO: linguagem e ativismo digital feminista no Brasil

#EleNãO: linguagem e ativismo digital feminista no Brasil O Brasil testemunha contemporaneamente o ressurgimento de valores conservadores que já circulavam em nossa sociedade, mas que foram maximizados com a eleição do atual presidente, Jair Bolsonaro. Em sua campanha eleitoral de 2018, o então candidato vociferou sua compreensão sobre temas sociais e políticos: como o papel da mulher na sociedade brasileira; sua visão da homossexualidade; sua compreensão sobre o lugar social da comunidade negra no Brasil, entre outros. As declarações estavam, e ainda estão, baseadas em preconceito e conservadorismo atroz. Embora eleito, grande parte da sociedade brasileira busca formar uma resistência ao sistema atual, aos valores pregados pelo presidente brasileiro eleito e pela comuni-

dade que o elegeu. Em 2018, por exemplo, assistimos no Brasil a ascensão de um movimento social, marcadamente feminista, chamado #EleNão, que demarca a negação à Bolsonaro e tudo o que ele representa. Partindo do pressuposto de Castells (2017) de que presenciamos contemporaneamente a assunção dos movimentos sociais na internet como forma de manifestação do desejo de mudança, analisaremos, a partir de uma perspectiva discursiva/linguística, a manifestação do movimento feminista brasileiro #EleNão, explorando, por exemplo, o uso de tecnografismos e memes (Paveau, 2017) como expressão da indignação e do desejo de mudança social e política, que se iniciaram em ambiente digital, mas que também ocupou as ruas das principais cidades do Brasil em 2018. A partir das análises pudemos verificar que a hashtag, que marcou o referido movimento iniciado nas redes sociais - Twitter, Facebook e Instagram, por exemplo -, sofre uma mudança quando passa a estampar também os cartazes que foram criados para a manifestação; a invadir os muros da cidade - com grafites e pichações -; e o próprio corpo dos cidadãos indignados. A abordagem discursiva do movimento #EleNão nos permitiu refletir sobre as possibilidades técnicas da Web 2.0 na produção de novos discursos, especificamente no to-

cante ao ativismo digital feminista em contexto brasileiro e sua forma argumentativa marcadamente verbo-icônica.

Palavras-chave : Linguística; feminismo digital; movimento social; #EleNão

Jorge Holguera

Doctorando Universidade da Beira Interior, Universidad de Salamanca

Atores, fontes e temas para o estudo de informação jornalística ambiental da Serra de la Estrela

Resumo: Atores, fontes e temas para o estudo de informação jornalística ambiental da Serra de la Estrela Se apresenta uma proposta para o estudo da informação sobre jornalismo ambiental na Serra da Estrela, na qual os atores, fontes e temas serão divulgados. Em resumo, esta é a abordagem de um trabalho que contempla diferentes fases e que faz parte do tempo de doutoramento na Universidade do Interior da Beira dentro de um programa do doutoramento na Universidade de Salamanca. Este trabalho pretende complementar ou enriquecer a tese focada na análise de informação ambiental na imprensa com um estudo do caso da Serra da Estrela. Através da presente contribuição na forma de um cartel ou comunicação, serão oferecidas as bases deste estudo. Nele se tentarão fornecer as fontes, os atores e os principais

temas no campo da informação ambiental relacionada com a Serra da Estrela. Dois fatores foram decisivos para tomar esse espaço como referência. Uma delas é a proximidade com a Universidade da Beira Interior. Esta academia tem grande envolvimento e comprometimento com esta área do interior de Portugal. Por outro lado, a grande importância deste declarado Parque Natural, que é notável por ter o ponto do Portugal continental localizado em maior altitude acima do nível do mar. Este trabalho contempla diferentes fases. Na concepção do projecto foi vital a ideia de um professor natural da área que propôs estudar: como os jornais reflectem as informações ambientais da Serra da Estrela nas suas páginas? A fase seguinte, que é a de preparação contempla a documentação e revisão de literatura, na qual se busca reunir informações do território (Serra da Estrela) e orientações para a realização do trabalho. Uma terceira fase é proposta com base em entrevistas para abordar dois grupos de atores, por um lado, membros do público representado em associações, por outro, instituições públicas que garantam a conservação da área. Na quarta fase, o estudo de uma amostra de notícias é contemplado, em princípio, através da metodologia de análise de conteúdo. O resultado final será baseado nos resultados deste es-

tudo, cuja missão é saber como os meios de comunicação social oferecem as informações ambientais da Serra da Estrela.

Palavras-chave : informação ambiental, Serra da Estrela, fontes, temas, atores

Eula Lôbo Netto Vila Verde

Doutoranda em Ciências da Comunicação - UBI

Comunicação ambiental: um estudo sobre a problemática do uso dos agrotóxicos no Brasil

O Brasil alcançou o consumo de mais de 500 mil toneladas de consumo de agrotóxicos e afins (Ibama, 2017). Um crescimento que corresponde a mais de 150% em menos de 20 anos. Um dos fortes indicativos deste uso extremo está nos ingredientes ativos permitidos. No Brasil, estão registrados 180 ingredientes ativos de agrotóxicos que não tem licença de uso na Austrália, 286 no Canadá, 271 na Comunidade Europeia; e 181 sem licença de uso nos EUA. (AMAZONAS, Juliana; et al. 2018). Em 1962, Rachel Carson lançava a primeira versão da sua obra "Primavera Silenciosa". A mídia abriu espaço para a discussão de Carson- o que é registro sobre o envolvimento da comunicação na geração de informação sobre os estudos pesticidas. "No verão de 1962, a revista New Yorker publicou três edições seguidas com trechos de Primavera

silenciosa, quarto livro de Rachel Carson” (BONZI, 2013). “Noticiários de TV, rádio e jornais locais são o instrumento de divulgação dos ambientalistas, a ponto de existirem reclamações por parte dos políticos e das grandes corporações de que é a mídia, e não os ambientalistas, a grande responsável pela mobilização em torno da questão do meio ambiente” (CASTELLS, 1999, p. 161) É inegável a presença do assunto “uso de agrotóxicos no Brasil” nos principais jornais do país, principalmente diante de acontecimentos como foram: a aprovação de 57 novos registros de agrotóxicos aos 47 dias de governo do presidente Jair Bolsonaro, ou, em setembro de 2018, com a votação do projeto de lei 6.299, de 2002, que busca flexibilizar os processos para regulamentação das substâncias agrotóxicas no Brasil. Descortinar como é realizada a cobertura jornalística sobre o fato do Brasil ser o maior consumidor de agrotóxicos do mundo é uma questão pertinente aos interesses acadêmicos e investigativos da comunicação. A observação da reportagem <https://portrasdoalimento.info/> pode nos trazer quais são as construções de sentido e representações sociais (Guareshi, 2000) quando há elaboração destes conteúdos jornalísticos. E também entender se há comunidades noticiosa (CORREIA, 2013, P.16) nas práticas de

webjornalismo (Canavilhas, 2001) que se propõe a escrever sobre a temática agrícola brasileira neste recorte.

Palavras-chave : agrotóxicos, Brasil, jornalismo, construção de sentido, comunidade noticiosa

Tiago Quiroga Fausto Neto

Por uma epistemologia da comunicação e das humanidades no tempo presente

Entre os resultados mais emblemáticos da chamada sociedade de informação estaria a condição histórica do conhecimento como importante agente de acumulação da economia pós-industrial. Trata-se da ocasião em que as universidades, como organizações, passam a ser orientadas por lógicas de aperfeiçoamento de si mesmas como espécies de hubs fundamentais à produção e distribuição do capital global da educação. De fato, na nova economia do conhecimento, altera-se a própria natureza da ciência, das instituições pedagógicas e das diferentes formas de consciência individual, tornadas, doravante, investimentos rentáveis que podem e devem ser mensurados. Dentre os resultados da mudança tem-se a progressiva fragilização da “relação dialética entre formas sociais e formas de conhecimento” (Ouellet e Martin, 2018, p.81). Como organizações, já não situamos as universidades como es-

pécies de efeito-instrumento de seu próprio tempo, ou seja, como instituições que, ao passo que fornecem os fundamentos epistemológicos das atuais regulações socioeconômicas, têm também sua base material inteiramente definida por tais determinações. Discute-se a hipótese de que, historicamente, o vínculo entre formas sociais e formas de conhecimento esteve dado pelo advento do tempo presente, como categoria político-epistemológica central. Trata-se do consagrado pressuposto, especialmente caro às humanidades, de que foi o tempo, em particular o tempo presente, a virtualidade que lhes permitiu o elo com determinados projetos de liberdade. Em outras palavras, teria sido a própria conquista da virtualidade do tempo presente o que teria permitido o vínculo do conhecimento com diferentes formas sociais, entre elas a própria democracia. Entretanto, hoje, no contexto do tempo real, tal categoria parece evanescer. Através da entronização da velocidade como juízo puro (Virilio, 1997), as formas contemporâneas do capital fixam a ausência de duração como novo pressuposto ao funcionamento social, reduzindo a experiência do tempo presente ao signo da disponibilidade (Han, 2014a). A mudança aponta à perda da dimensão emancipatória que teria tido o tempo presente (Bloch, 2001) na constituição e

singularidade de diferentes saberes. No âmbito das humanidades, a retirada do importante princípio exercido pelo tempo não apenas as priva de qualquer alteridade possível, mas também as impede de cultivar diferentes ideais de liberdade que não os da eficácia organizacional.

Palavras-chave : Tempo presente, Epistemologia, Comunicação, Humanidades

Hugo Mendes Amaral
FLUC

Comunicação em desconstrução

Comunicação em desconstrução Ao termo comunicação parece corresponder um conceito quase unívoco, rigorosamente definível ou transmissível, numa palavra, comunicável. Na sua aceção tradicional, «comunicação» seria o veículo de um sentido, uno e indivisível. Dos modelos de base linear até aos modelos de base cibernética, circular ou de massas, a comunicação foi sempre pensada como troca de informação entre dois e mais indivíduos, segundo a qual o sentido é apropriado através de um sistema que transmite ou traduz a intenção de ambas as partes. O próprio modelo clássico de comunicação (intenção -> representação da intenção -> iteração) determina que uma determinada interpretação esteja errada e outra certa porquanto é fundada no mito de que a intenção

é transmitida de consciência para consciência. Se falha o gesto de a mensagem ser decifrada ou mentalmente legível, todo o processo de comunicação parece derrotar o seu propósito. Ora, seria então preciso questionar se a «comunicação» comunica qualquer coisa como um conteúdo determinado, um sentido identificável ou um valor descritível tendo em conta que a iteração não é uma representação da intenção nem uma mera transmissão de consciência para consciência. Com efeito, para que haja linguagem e comunicação, todo o signo deve poder demarcar-se da intenção presente da sua produção. Em suma, estará assim em questão pensar, de novo e diferentemente, a partir do idioma filosófico da Desconstrução derridiana, as concepções estruturalistas e tradicionais sobre comunicação, inclusive as teorias e os modelos de linguagem que, na singularidade das duas diferenças, pensam a comunicação como mera passagem ou transmissão de um sentido que daria acesso a «qualquer coisa». Sublinhar-se-á assim que, em todo o gesto ou acto de comunicação, há a marca de um desvio que continua a produzir efeitos ad infinitum para além da actualidade presente da intenção do seu «querer-dizer»: um desvio que, ao mesmo tempo que dita a comunicação (e esta comunicação em particular), marca a ruptura com o horizonte da co-

municação como comunicação das consciências ou das presenças, assim introduzindo uma certa espectralidade na linguagem e no mundo.

Palavras-chave : comunicação, desconstrução, desvio, *différance*

Luísa Maria Rutka Dezopi

Pesquisadora de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Unicamp

O trabalho intelectual, a Teoria Crítica e a denúncia da racionalidade instrumental

A partir de *Dialética do Esclarecimento* (1944) e *Eclipse da Razão* (1947), de Theodor Adorno e Max Horkheimer, a presente proposta de pesquisa tem por objetivo central estudar como a Teoria Crítica confere entendimento a categoria de trabalho intelectual tendo em vista o cenário da indústria cultural norte americana. Isso implica no desdobramento da imagem do cientista tradicional através da crise da razão e do sacrifício das contradições e complexidade de pensamento, em confronto com a função intelectual crítica que promove diagnósticos de época transpostos de juízo existencial e contradições conscientes. Para isso, como horizonte de preocupação e problemas faz-se necessária a revisão da Filosofia da Ilustração, imagem do cientista tradicional, crítica ao conceito de Iluminismo, e dualidade mito-razão; tendo separação entre sujeito

e objeto, indústria cultural, dominação, racionalidade instrumental e paranoica como as principais unidades de análise em vista nesta pesquisa. Assim sendo, defendo a hipótese de que a categoria ocupada pelo intelectual crítico, para esses autores, encontra-se numa posição privilegiada no capitalismo tardio, estabelecendo-se de forma antagônica e sólida em relação a racionalidade instrumental. E por isso é um elemento de extraordinária importância para sustentar o sistema explicativo da Teoria Crítica e compreender os fenômenos sociais desencadeados pela racionalidade instrumental. Nesse sentido, tenho como referenciais bibliográficos, para essa tentativa de crítica iminente à gênese e características do trabalho intelectual, obras selecionadas de Adorno e Horkheimer e de seus comentadores, como Martin Jay, Bárbara Freitag, Sergio Rouanet, Marcos Nobre, Robert Sinnerbrink, Seyla Benhabib, e Rolf Wiggershaus. E os resultados obtidos serão entendidos através de um estudo atento e aproximado da questão de pesquisa via reflexões filosóficas e interdisciplinares, que promoverão critérios inerentes dela mesma para considerar, julgar e entender as unidades de análise.

Palavras-chave : Trabalho intelectual; Teoria Crítica; Theodor Adorno; Max Horkheimer; Positivismo Lógico e Teoria Tradicional

Luiz de Camargo Pires Neto
FAPCOM / FECAP / PUC-SP

Para além dos espaços públicos, heterotopias

O presente trabalho pretende aproximar experiências sociais relacionadas à comunicação e o conceito de heterotopia. Este conceito foi cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) no prefácio de “As Palavras e as Coisas” e desenvolvido tanto em 7 de dezembro de 1966, no quadro de uma série radiofônica denominada “Cultura Francesa”, dedicada à utopia, quanto na conferência intitulada “Outros espaços”, proferida no Círculo de Estudos Arquitetônicos em 14 de março de 1967 e publicada apenas em 1984. A palavra heterotopia é formada pelo prefixo heteros, que tem origem no grego e significa “o diferente” ou “o outro”, e pelo termo topia, que significa “lugar” ou “espaço”. Neste sentido, a heterotopia pode ser compreendida como o “espaço diferente”, ou, melhor, o “espaço outro”. No pensamento de Foucault, as heterotopias são definidas em paralelo às utopias. Estas são consideradas “posicionamentos sem lugar real”, “espaços que fundamentalmente são essencialmente ir-reais”, “o que verdadeiramente não tem lugar algum”, enquanto as primeiras “são como que contraespaços”, “utopias localizadas”, “utopias que têm um lugar

preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias”. De acordo com Foucault, todas as culturas criam suas próprias heterotopias, elas se configuram em uma constante de todos os grupos humanos, tomando formas diversas e variadas. Elas cumprem uma função em relação ao espaço restante, e essa função se estende entre polos extremos. Ou elas criam um espaço de ilusão que evidencia todo o espaço real, todas as alocações onde a vida humana acontece ou, ao contrário, criam espaços reais meticulosamente organizados, perfeitos, que colocam em evidência o restante dos espaços como mal organizados e desordenados. Uma sociedade, no curso de sua história, faz funcionar de maneiras muito diferentes uma mesma heterotopia que existe e não cessou de existir. A partir deste conceito, esta pesquisa versa sobre “outros espaços” que emergem em nossa cultura e os impactos por eles causados nas relações estabelecidas entre os seres humanos e ecossistema mediático contemporâneo.

Palavras-chave : Michel Foucault; espaço; heterotopias; cultura

Janilce Silva Praseres
Universidade da Beira Interior

A crise da cultura: uma leitura henryana da ciência moderna

A crise da cultura: uma leitura henryana da ciência moderna Michel Henry (1922-2002) é um filósofo francês cuja trajetória abrange uma diversidade de temas, a incluir ainda a autoria de quatro romances que também demonstram suas inquietações filosóficas, seu itinerário é permeado pela sua preocupação principal: a vida real das pessoas. Em 1987, Michel Henry concebe a análise da crise da civilização ocidental, fomentada pelos efeitos de ideologia dominante na época, em favor da hegemonia do saber científico, análise que culmina em uma obra de grande sucesso e críticas: *La Barbarie*. O pensamento henryano, ao salvaguardar e defender aquilo que imediatamente nos é mais certo; estamos vivos!, ou seja, a Vida (não em sentido biológico, mas fenomenológico), põe à prova o que é o modo como a Ciência moderna fala da vida, denunciando aí o que ele chamou de «redução galileiana», já que Galileu terá sido o precursor de um certo «desprezo» epocal pela Vida, ao afirmar que era preciso não atender às «propriedades secundárias» dos objectos (sons, sabores, cores, odores, impressões tácteis) ou seja, deixar de lado e desconsiderar das impres-

sões sensível e as sensações, não matematicamente controláveis, em suma, por fora do circuito do saber certo tudo aquilo que era relativo à esfera da subjetividade humana. Mas, insiste M. Henry, o ser humano determina-se-se em primeiro lugar por essa subjetividade «absoluta», no sentido em que não se deixa dissolver em nada, e por esse conjunto impressões que decorrem da nossa condição material e corpórea. O que assim está posto em questão é, então, a interpretação ontológica da redução galileana ao considerar o humano, com tudo o que pensa e experiencia, determinado por elementos que lhe são estranhos: partículas microfísicas. O diagnóstico henryano assinala, num arco mais amplo, a crise do sujeito moderno, crise afinal do humanismo, notando uma contradição na cultura onde «racionalidade ética», colocada como «uma ética com pretensões a ser ciência da ação, depende de sempre uma “meta física representativa” que determina finalidades e objectivos exteriores, fora da subjectividade radical da vida». Denuncia ainda a supremacia da abordagem «técnica», da utilização do saber «laboratorial» da vida em detrimento da valorização da vida ela própria na sua auto-fruição, i.e., do *Lebenswelt*.

Palavras-chave : Cultura. Barbárie. Ciência. Michel Henry

Leslye Revely dos Santos Arguello
Universidade Presbiteriana Mackenzie Upm

Projeto Escola Fazenda Canuanã - Brasil: Trabalho colaborativo e beleza no espaço público

O Projeto Escola Fazenda Canuanã em Tocantins, no Brasil, é um espaço público criado para abrigar 540 crianças no conceito de arquitetura humana, com o propósito de escola mais moradia, destinado para crianças de uma zona rural brasileira. O projeto foi idealizado pelo Designer Brasileiro Marcelo Rosebaum e a Aleph Zero, patrocinado pela Fundação Bradesco, e o estudo tem como foco investigar os valores e reflexões da construção desse espaço, considerando seus aspectos culturais, sociais e artísticos. O espaço está associado a uma estética diferenciada no que diz respeito a escolas, moradias e comunidades na cultura brasileira. Esse projeto teve um caráter de co-criação com as pessoas ao redor, considerando seus valores e desejos. O “saber fazer” também foi um atributo imprescindível na criação desse espaço, ou seja, técnicas utilizadas pelos locais foram incorporadas ao processo e na linguagem do resultado final. O abrigo tem características das culturas locais de diferentes etnias (como índios e filhos de agricultores), com a ideia de promover educação, socialização, beleza e espaço integrado com a nature-

za. Além disso, a ideia de Design Essencial, criada pelo idealizador, onde a estética tem compromisso com um todo: a natureza, que é grande ao seu redor, a ancestralidade, o fortalecimento de grupo e a produção local. Com conceitos de Massimo Cacciari, A cidade, a respeito de moradia, acolhimento e comunidade; Richard Senett, a importância do Fazer com as próprias mãos e a ideia de cultura e socialização de Milton Santos, esse estudo pretende trazer indagações sobre a importância de pensar a linguagem artística dos espaços públicos como forças para o desenvolvimento social.

Palavras-chave : espaço público; escola; moradia; comunidade; saber fazer; cultura brasileira

Gil Ferreira e Joana Fernandes
Instituto Politécnico de Coimbra / Escola
Superior de Educação

Liberdade de Expressão na era digital: a relevância do artigo 19º e a formação superior em comunicação

Partimos da percepção de que nunca na história da humanidade existiram tantas possibilidades para a liberdade de expressão como as que existem hoje. Num tempo marcado pela abundância de tecnologias e plataformas dedicadas à participação discursiva, com alcance global e caracterizadas pela abertura, a maior parte dos indivíduos no mundo ociden-

tal pode ser editor de si mesmo, e pode publicar os seus pensamentos online, onde teoricamente poderão ser vistos por qualquer uma de milhares de milhões de outras pessoas. Paradoxalmente, os males da liberdade expressão são hoje tão fortemente assinalados, desde discursos de ódio e discriminação à manipulação, à desinformação e ao crescimento de extremismos, a que acresce a sensação de impotência para organizar e dar ordem à multiplicidade de informações e perspectivas que coexistem. As promessas contidas nas potencialidades de interação via redes sociais (relação empresa-consumidores) não estão a ser plenamente utilizadas, conduzindo a uma fragmentação de um grupo de destinatários por defeito fragilizado, atomizando a relação consumidor/empresa e abalando as estruturas de uma comunidade. Este novo estado tem consequências imediatas e profundas na forma como jornalistas, publicitários e profissionais de relações públicas constroem ou destroem o “espaço público comunicacional” (Ilhen & Ruler, 2011, p. 245). Sendo a esfera pública como um espaço de dinâmicas de co criação da realidade simbólica, debruçamo-nos nos modelos de formação que estão a ser privilegiados, questionando se contribuem para a consolidação de um pensamento e de uma atuação na polis que reforce

o espírito fundamental inscrito no Art. 19º da DUDH, de 1948, e incorporado em 1966 no Art. 19º do Pacto dos Direitos Cívicos e Políticos. Os valores associados à liberdade de expressão permanecem importantes, são uma exigência inalienável. O que mudou foi o contexto tecnológico em que tentamos perceber esses valores, e as transformações que esse contexto trouxe aos diversos atores sociais, desde os indivíduos comuns, antes definidos como audiência (Rosen), aos profissionais dos media (assessores, jornalistas), que antes detinham o quase monopólio da intermediação. Propomos partir dos modelos de educação para os direitos humanos para enquadrar as formas assumidas na formação dos estudantes de Comunicação Social e Organizacional para a concretização do art. 19º, denominador comum dos dois profissionais. Uma contextualização na realidade portuguesa será fundamental para perceber os obstáculos políticos, económicos e culturais que podem conflitar com propostas de intervenção no(s) discurso(s) sobre os direitos humanos.

Palavras-chave : Espaço público, art. 19ª DUDH, Comunicação Social, Comunicação Organizacional, Formação

Andrés Buzzone

Universidade de São Paulo

Transições e transformações da comunicação pública e do espaço público

A força performativa do pronome plural na primeira pessoa se faz particularmente visível toda vez que um inimigo interno serve como vetor para aglutinar vontades em torno de um discurso de exclusão. O “nós” se constitui e se fortalece, então, por oposição a um “eles” que não deixa espaços para um “vocês”, que fecha espaços ao diálogo e cerceia possibilidades de empatia. Comunicação hipostasiada. Imigrantes e refugiados, nordestinos, índios, gays, petralhas, marxistas culturais servem à identidade de grupos dominantes cujo discurso hegemónico tem no diálogo uma ameaça real. Nossa pesquisa tem seus alicerces numa compreensão da comunicação não com base num esquema redutor “emissor-mensagem-receptor” mas em termos de um sujeito plural, de um tecido de narrativas que se alimenta em trocas permanentes. É a condição plural do ser do homem que está presente, de maneira nem sempre explícita, ao longo da obra de Ricoeur. A comunicação se coloca, assim, como fundante da identidade narrativa que surge como resposta às perguntas: Quem fala? Quem é o sujeito da ação? Quem é res-

ponsável? A identidade narrativa pode ser individual ou coletiva. O sujeito plural de uma cultura, de uma sociedade, se constitui num tecido de narrativas individuais, mas também no jogo de convergências e de divergências entre sujeitos plurais. Muitos destes atores/autores convivem sem se excluírem -mas nem todos, nem sempre. Questão de pronomes. Discursos que se sustentam na negação da interlocução exigem o enfraquecimento da segunda do plural junto com a expulsão do território da primeira. Todo diálogo exige que o forasteiro seja reconhecido na sua outridade como interlocutor competente, e isso começa na passagem do “eles” (bárbaros, o outro absoluto indigno ou incapaz de palavra) para o “vocês” que abre passo à integração em um “nós” dialogal. Nós que falamos, nós que pensamos, nós que somos. No horizonte de nossa reflexão estão os desafios colocados pelo surgimento de novos atores políticos (ou o renascer de alguns bem antigos) cuja força está na fratura do “nós” coletivo pela exclusão e a negação do reconhecimento do outro -como é o caso do Brasil na ascensão do fanatismo de extrema direita ao poder.

Palavras-chave : Filosofia da comunicação, nós, sujeito plural, identidade narrativa

Elaine Santos
USP

(Re) criando elos e espaços: um exercício sócio-político da loucura

Diante de um contexto social baseado na hiperconectividade e na expansão de uma globalização perversa questionamos os rumos da nossa civilização. Por ora, é possível afirmar apenas que se trata de uma transição histórica profunda e a análise desse complexo e crítico mosaico de transformações pode se dar de inúmeras maneiras. No caso deste estudo, faremos uma articulação do conceito de “cidadania mutilada” do geógrafo brasileiro Milton Santos e a ideia de “loucura” descrita pela psicanálise, para pensar os processos de descolamento entre o público e privado e as tensões existentes entre o mundo interno e externo. Para o autor, vivemos uma violência perturbadora do dinheiro e da informação, que traz como consequência, o atrofiamento do conhecimento e da consciência em três níveis: da corporalidade (que remete a uma objetividade por meio da objetificação); da individualidade (que se refere a um empobrecimento da subjetividade) e da cidadania (que envolve aspectos políticos e jurídicos, que dizem respeito ao campo dos direitos). Levando em consideração essa construção teórica, iremos discorrer sobre o

modelo cívico nacional, herdado pela escravidão, que organiza os espaços públicos a partir de uma dimensão do privado, no qual uma economia corporativa exerce um domínio sobre o ser e pertencer social. Essa democracia de mercado, estaria se utilizando da técnica para assassinar a ideia de conjunto e de nação. Por outro lado, existem desvios dessa tendência, quando paramos para observar a manifestação de micro e poderosas ações que acontecem dentro do contexto da cidade. Essa retomada pública de espaços privatizados a partir de diferentes linguagens pode ser nomeada como loucura, na medida em que, diante daquilo que se coloca como normatizado, o sujeito é demandado a assumir a condição de desviante para se apropriar de seu papel de cidadão. Apesar das tensões e discordâncias de Michel Foucault em relação ao campo psicanalítico, essa proposta multifacetada pretende aproximar esses pensamentos, para ampliar o olhar sobre as dimensões do poder institucionalizado.

Palavras-chave : espaço - público - privado - loucura

Paulo Antônio de Sousa Marquês
Universidade de Sorocaba - UNISO

O Poder Legislativo Municipal visto como espaço midiático de Transparência, Participação Social e Educação Cidadã

Este trabalho investiga práticas dialógicas e interativas nas Câmaras Municipais – sob o olhar da comunicação pública e de interesse público – que levam os cidadãos a perceberem estas instituições como espaços midiáticos de transparência, participação social e educação cidadã. A discussão se dá pela identificação de canais de informação, comunicação e educação cidadã, para ampliar a participação e o envolvimento dos cidadãos no processo decisório e da análise de como estes espaços promovem a interação, o diálogo e a compreensão entre os atores sociais – objetivo principal deste estudo. Por metodologia, uma pesquisa documental e bibliográfica para apontar prováveis práticas comunicacionais, o que implica avaliar os portais institucionais, para um diagnóstico sob o aspecto das dimensões “transparência legislativa e administrativa, participação e controle social e aderência à Lei de Acesso à Informação”, culminando num estudo descritivo, que requer análise de produtos e veículos de comunicação. Como base teórica, os conceitos de comunicação pública de Pierre Zémor, Jorge

Duarte e Elisabeth Brandão; de informação, de Gonçal Mayos e Chun Wei Choo; participação social, de Cris Ferri e Ladislav Dowbor; e educação cidadã, de Humberto Dantas e Rildo Cosson. Essa fase da pesquisa aponta que as Câmaras Municipais: 1) divulgam informações, promovem debates de interesse da sociedade, mas adotam poucos mecanismos de participação popular; 2) seus espaços de comunicação refletem, em grande parte, somente a posição dos parlamentares; 3) se colocam como fonte de informação de interesse público para cidade, o que implica vários desdobramentos práticos, como a existência de ouvidorias legislativas que estreitam a relação entre a sociedade mas, na prática, não garantem a participação popular; e 4) desenvolvem ações de educação cidadã, permitindo maior acesso ao conhecimento legislativo. Considera-se, portanto, que nesses espaços midiáticos há um processo que favorece o compartilhamento de informações relevantes ao cidadão, favorecendo o exercício da cidadania. Porém, informação apenas não basta, é preciso transparência para garantir o diálogo e incentivar a participação do cidadão na vida pública. Finalmente, lançar bases para promover boas práticas e aperfeiçoar as funções de informar, comunicar e educar das Câmaras Municipais, pode tornar a gestão

da coisa pública mais transparente e democrática.

Palavras-chave : Comunicação Pública. Transparência. Participação Social. Educação Cidadã

Gil Ferreira e Susana Borges

Escola Superior de Educação de Coimbra

Informado pelos pares: sobre o Facebook como fonte e a satisfação com a democracia

A comunicação questiona o impacto da informação pelo Facebook na formação de opinião sobre assuntos políticos, entre jovens portugueses estudantes do ensino superior. Pretende avaliar a utilização do Facebook como instrumento para a expressão de opiniões e para a obtenção de informação. Procura ainda caracterizar o ambiente discursivo sobre assuntos políticos é comum nessa rede social. A partir de um questionário aplicado a 160 estudantes do ensino superior em Portugal, o estudo constata que pouco mais de um terço dos estudantes publica na rede Facebook, a qual é, por sua vez, consultada pela quase totalidade dos estudantes todos os dias, para quem é a forma online mais utilizada para obter informação. O estudo verifica a existência, nesse espaço, de um ambiente marcado pela negatividade e pela insatisfação em relação ao funcionamento da democracia. Os dados recolhidos permitem sugerir a existência de

um fenómeno de informação pelos pares (consistente com um modelo de two-step flow of communication), em que uma maioria é exposta a um ambiente hegemónico alimentado por uma minoria (gerando um fenómeno de espiral do silêncio), criando as condições para a existência de um pseudo-ambiente de negatividade e insatisfação, que poderá favorecer uma percepção pública hostil ao funcionamento da democracia. Palavras-chave : Two-step flow of communication; Espiral do Silêncio; Facebook; Democracia

João Duarte Borges Martins de
Vasconcelos Simão
ESCS-IPL

Lobbying e Comunicação Estratégica: Contributos para uma melhor Participação Política

A Comunicação Estratégica é uma função organizacional vital para a defesa e promoção de interesses de uma organização. Defende-se a actividade de Lobbying como uma componente integrante da Comunicação Estratégica, com profissionais próprios, e legitimamente orientada para a defesa e representação de interesses. É função principal da Comunicação Estratégica, enquanto Comunicação Aplicada, desenvolver diferentes estratégias de comunicação em prol da gestão e resolução de diferentes conflitos, de forma a influenciar intencionalmente a ac-

ção da organização e dos públicos. Importa também perceber de que forma se estabelece o diálogo entre diferentes actores no sistema político (Ikeda, 2013), de forma a que se alcancem diferentes entendimentos face a diferentes conflitos de interesses. Assim, é objectivo deste artigo importante analisar de que forma a Comunicação Estratégica, e em particular o Lobbying, podem permitir a discussão em prol desses mesmos entendimentos junto da Sociedade Civil. Esta realidade de espaços participativos emergentes traz novos mecanismos de participação cidadã, para além do voto, na elaboração de políticas públicas. É pertinente ressaltar que sem uma contínua participação cidadã toda a representação política passa a basear-se numa lógica de comunicação assimétrica – ora, quanto mais complexas as sociedades, mais complexo e menos categórico será o papel de um profissional de Comunicação Estratégica, pois irão colocar-se vários problemas de eficácia comunicacional. Uma maior participação e uma maior eficiência são complementares, porém torna-se necessário experimentar novas vias de participação. Pretende-se, então, analisar neste artigo de que forma se cruzam os conceitos de Lobbying, Comunicação Estratégica e Participação Política, de forma a que se consiga perceber que vantagens daí se advém na defesa de diferentes interesses.

Danielle de Gois Santos Caldeira,
Elza Dutra e Irene Borges-Duarte
Universidade Federal do Rio Grande do
Norte e Universidade de Évora

Refletindo sobre feminicídio: ética como estratégia na articu- lação comunicação e espaços pú- blicos

O presente trabalho evidencia a ética como temática central e instigante de circularidade compreensiva envolvendo entes humanos, comunicação e espaços públicos. A proposta reflete e constrói estratégias para fortalecer leituras e posicionamentos tendo em vista convivência harmônica entre seus pares. A ética resgatada apoia-se na noção de ethos grego, como o filósofo Martin Heidegger expôs Heidegger (1946/2005), (1927/2012) e (2009). Ética retomando ethos remete a lugar de morada e é aqui encarada como cotidiana. O caminho eleito para evidenciar a ética foi o da existência, assim, adotamos método fenomenológico hermenêutico heideggeriano, principalmente, tomando a noção de circularidade ratificando e aproximando-nos de experiências coletivas. Neste trabalho, evidenciamos o modo como nos relacionamos com os espaços públicos em situações singulares, nas quais presenciamos desrespeito aos direitos humanos, destaque aos crimes de feminicídio, que dizem respeito à violência dirigida às mulheres restringin-

do-as a um grupo vulnerável. Por espaços públicos, entendemos agrupamentos das esferas pessoal, intelectual e social compostos por diversas experiências. A ética, no espaço público, mobiliza questões contrárias à resignação quanto às restrições de liberdade, cuidado e responsabilidade: como convivemos e, inclusive, como nos comunicamos diante de experiências de opressão? Quais atitudes adotar diante de encontros envolvidos por violência e desrespeito ao gênero feminino? Como lidarmos com a artificialidade que conjuga democracia e ações contrárias aos direitos humanos? Os sofrimentos emocionais estão de forma alargada, notificados socialmente e revelam-se evidências cotidianas. A comunicação se insere como demonstrativo de processo social. Entretanto, o interesse por informação se distingue do exercício de comunicação, as relações entre entes humanos e técnicas nem sempre são voltadas a refletirmos sobre responsabilidades e trocas discursivas que respeitem e experiências coletivas. Muitos desses sofrimentos são denominados por aqui que a ONU denominou sofrimento em silêncio onde entes humanos são obrigados a experimentar coação, deslocamento, restrição de liberdade sem precisão de tempo para seu término. Paralelamente, ressaltamos uma aparente ética que atravessa as sociedades e,

igualmente, aparece silenciada colocando em jogo democracias e direitos humanos. A instabilidade e a mutabilidade referentes às experiências são oportunidades para reintegrar entes humanos e natureza requisitando-nos, conviver e, ao mesmo tempo, admitir e exercitar cuidados.

Palavras-chave : ética; feminicídio; comunicação; espaços públicos

Júlia Teixeira de Carvalho e
Maria Teresa Mariano

Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais

A percepção dos formandos em Administração na Puc Minas campus Poços de Caldas sobre ética e suas concepções

Pode-se dizer que a ética é uma prática para a construção de uma sociedade mais justa e responsável. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo identificar a percepção de alunos formandos do Curso de Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas sobre a ética e suas concepções, contemplando o seu conceito e sua abordagem na história da Filosofia. Para tanto, foi feita revisão da literatura e aplicado questionário em um universo de cinquenta e um alunos matriculados no oitavo e último período do curso. O estudo mostra que os formandos têm

grande anuência em relação às teorias dos principais pensadores do tema, principalmente às ideias de responsabilidade, desburocratização e democratização para a formação de valores. Nesse sentido, a pesquisa revela que os formandos possuem uma percepção da ética reflexiva e livre de preconceitos. Assim como a ideia de valores afirmativos da vida e desconstrução de valores vigentes. A ética utilitarista também tem grande anuência. Por fim, em caráter principal segundo a pesquisa, a percepção da sociedade racionalizada, instrumental e voltada aos códigos. Eles percebem a importância de se constituir relacionamentos e interação nos meios sociais, de acordo com a ética discursiva e, por isso, emancipados e não dominados pelo racionalismo. A ética para os futuros gestores pressupõe responsabilidade e abertura para discussão na esfera pública de forma democrática. Isso implica um caminho voltado às pessoas e não apenas aos avanços da técnica e da ciência.

Palavras-chave : Ética; Organizações; Gestão

Heitor Costa Lima da Rocha e
Anabela Gradim
Universidade Federal de Pernambuco /
Universidade da Beira Interior

Objectivist journalism, constructivism and philosophy: from the authoritarian discourse to the dialogical interpellation of the diversity of interpretations of the communication community

This paper intends, in a first moment, to elaborate the comparative table of the foundations of the conception of objectivist journalism, based on the theory of the correspondence of the representation with the reality, with the constructivist conception of journalism, based on the consensual theory of the truth. In the positivist notion of objectivity, it presupposes authoritarian journalistic discourse, which intends to self-validate, given the presumption of complete and perfect knowledge of reality through the verification of the absolute distinction between fact and opinion, while in the constructivist notion identifies the commitment of journalistic discourse to represent the significant diversity of the existing interpretations in the communication community through the meaning of the provisional consensus established on the thematic issues and the deliberations taken to face concrete problems experienced at each historical moment by society. In a second, the possi-

bility of a philosophical contradiction with Peirce's conceptions of the incompleteness of the process of semiosis and fallibilism in the face of the prescriptions of Robert Park, Elizabeth Noelle-Neuman, Robert Entman and Michael Schudson, will be evaluated. Journalism, in addition to ensuring the diversity of versions on social issues, gives a judgment on the actions of those responsible and possible solutions to problems. The paper presents the argument that there is no contradiction in the collection of journalism to develop an ethical and moral evaluation of the subjects treated with the philosophical notions of Peirce, because in them the closure of the subjects is foreseen for definition of the meanings, even if of provisional form, without commitment of the character *ad infinitum* of the process of semiosis. Thus, in order to be consistent with the Peircean philosophical bases of the consensual theory of truth, the journalistic discourse must in fact make a moral judgment defining the meaning of the problems addressed, but without giving up the fallibilist conscience to present this position as one more position that is put to the scrutiny of the communication community that, ideally, embraces the whole society.

Keywords: Journalism; Positivism; Constructivism; Philosophy; Deliberative Democracy.

A comunicação autárquica e a sua relação com os jornalistas – O caso das salas de imprensa online dos municípios portugueses

A comunicação autárquica e a sua relação com os jornalistas – O caso das salas de imprensa online dos municípios portugueses. Este estudo procura, numa primeira abordagem, fazer uma incursão sobre algumas questões que estão na ordem do dia quando se fala sobre comunicação autárquica digital no que concerne à realidade municipal portuguesa. Desta forma, pretende-se discutir temáticas que cruzam as áreas da comunicação autárquica, do digital e da assessoria de imprensa, não esquecendo também as necessidades dos jornalistas no exercício diário da sua profissão, sobretudo quando falamos de imprensa local e regional. Entendendo as salas de imprensa online como “espaços exclusivos de interação com os media, explicitamente identificados no site da organização” (Bueno e Pimenta:2006), fomos observá-las nos sites oficiais dos municípios portugueses, procurando perceber as suas principais características e funcionalidades, bem como que instrumentos ou ferramentas são utilizados nesses espaços online para fomentar a relação com os media. Para esse fim, utilizámos

a técnica de análise de conteúdo tendo construído uma grelha que pretendeu observar categorias como a Identificação e tipologia das salas de imprensa, o seu enquadramento e estrutura no site do município, as atividades dirigidas aos meios de comunicação social, a exploração e potencialização das ferramentas no meio web e ainda a interatividade aí oferecida. Dos resultados apurados podemos concluir que a sala de imprensa online, se cumprir a sua função com eficácia, pode ser um contributo efetivo para ajudar a uma maior transparência e independência entre os agentes envolvidos na comunicação municipal. Ganha, assim, o município, na gestão da sua imagem e estratégias comunicativas, e o jornalista no exercício da sua função e, por último, o munícipe enquanto cidadão.

Palavras-chave : Comunicação autárquica, salas de imprensa online, assessoria de imprensa

Iolanda Soares de Barros

Doutoranda da Universidade Salvador - UNIFACS

A imagem do negro na mídia baiana

Ainda que a cidade de Salvador, na Bahia, comporte a maior população negra entre as todas as cidades brasileiras, a imagem do negro, esteve durante séculos associada a pobreza, demérito e subserviência, ignorar a existência desse público era a máxima abordagem dispendida pela mídia da capital baiana, que destacava em suas campanhas publicitárias cenas do cotidiano, predominantemente com pessoas brancas, independente do produto ou serviço que estivesse no alvo das estratégias de marketing. Entretanto nos últimos anos, com a popularização da internet, a criação de novos produtos, o surgimento de uma nova classe média, e o acesso a bens de consumo e serviços, faz surgir diversos movimentos sociais, campanhas comerciais e publicitárias, com a utilização da imagem de modelos negros em diferentes tipos de mídia, trazendo a luz, a força da expressão da beleza negra. Diante de tal fato esta pesquisa analisa de que forma as campanhas publicitárias, influenciam comportamentos, que, representados através de expressões, vestimentas e acessórios configuram uma mudança na sociedade, à medida que essa

exposição da imagem da presença negra rompe e recria padrões de comunicação influentes. Para o alcance do objetivo proposto, se faz necessário a busca do conhecimento mínimo da composição histórico-temporal sobre o tema, dessa forma a metodologia adotada para o desenvolvimento deste artigo, se deu através de um estudo de caso, com a utilização de pesquisa bibliográfica e documental. Nesse contexto os resultados dos estudos apontam que a representatividade econômica expressiva da população negra em Salvador, demandou o uso da sua imagem, ao mesmo tempo que o uso da sua imagem em campanhas de marketing, rompe padrões hegemônicos de beleza, promovendo a consolidação do negro como consumidor e participante ativo da sociedade, e fortalecendo a consciência coletiva plena do direito de seu lugar no mundo, onde a vergonha, cede lugar ao orgulho da sua imagem. Palavras-chave : Imagem do negro, marketing, beleza negra, mudança comportamental

Milena Albuquerque, Janilce Silva
Prazeres e Paulo Serra

“QR Code: O Código para Vida Eterna”

Apesar de não nos sentirmos confortáveis em falar sobre a morte, a consciência de sabermos que um dia vamos morrer e que este acontecimento é incerto, parece-nos essencial para estabelecermos o debate sobre a morte frente a sacralidade da vida humana. O temor da morte gera diversos sentimentos e discussões em várias áreas do saber a fazer com que o homem busque formas em lidar com suas perdas e seus receios. A tecnologia digital surge, neste cenário, como infraestrutura do ciberespaço, que transmite a informação em tempo real e invade o cotidiano das pessoas e das empresas, reconfigurando os ambientes sociais e domésticos. Nesse contexto, nosso trabalho pretende mostrar a eficiência da tecnologia digital do QR Code como meio de comunicação e suporte na ressignificação dos ritos fúnebres. Deste modo, o objeto de nossa investigação é o Cemitério dos Prazeres, localizado em Lisboa, que apesar da existência de um turismo cemiterial, por meio de visitas guiadas, ainda não dispõe da tecnologia digital do QR Code, o que proporcionaria aos visitantes acesso instantâneo das informações sobre as pessoas sepultadas, como foto, data

e local de nascimento, história de vida e profissional, entre outras informações.

Palavras-chave : QR CODE, Morte, Tecnologia, Cemitério

Celene Fidelis Frias Ferreira
Universidade da Beira Interior

Por uma Comunicação Decolonial

Os processos são dinâmicos e estão sempre em elaboração, construção e reconstrução. Por acreditar que não se deve incorporar um padrão hegemônico a ser seguido, o que reduz a compreensão do mundo e invisibiliza uma pluralidade de outras experiências possíveis, saberes que podem conduzir a outros modos de dar sentido ao mundo, e contribuir para as soluções de problemas, no mínimo particulares, fora da racionalidade monolítica da modernidade, é que consideramos relevante apresentar os fundamentos do pensamento (Des) colonialidade ou Decolonialismo, concepção epistemológica latino-americana que vem se afirmando como uma perspectiva alternativa e contra hegemônica de construção social, política, econômica, cultural, educacional e comunicacional no alcance por sociedades mais democráticas, plurais, humanas e inclusivas; o que simboliza maior justiça social. Este artigo é uma aproximação dessas discussões para o campo da

comunicação buscando sustentar teoricamente a argumentação de que há oportunidade para a inserção da perspectiva decolonial aos estudos da comunicação.

Palavras-chave : Decolonialismo; decolonialidade da comunicação; descolonialidade; epistemologia da comunicação

Rodolfo Victor Cancio Evangelista e
Gérson Pereira Filho

PUC Minas - Poços de Caldas

A generalidade do eu: reflexões sobre o impessoal

O caminho a ser percorrido por nosso projeto deve tecer reflexões em relação ao modo de ser impessoal e de como tal impessoalidade emerge em nossas próprias vivências. Revisitaremos o filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) em sua postulação referente à distinção entre o estudo das ciências da natureza e o estudo das ciências do espírito, para que a partir dessa perspectiva possamos compreender o sujeito enquanto uma unidade psicofísica singular, porém também pertencente a um corpo social, uma vez que atua conjuntamente com outras unidades psicofísicas, quais sejam, outros sujeitos individuais, conectados entre si, o que assegura a dimensão coletiva e histórica da existência humana. Em seguida partiremos em direção à Martín Heidegger (1889 - 1976) a fim de buscar um solo

ontológico para nossa investigação. Para isso contemplaremos alguns dos pensamentos heideggerianos em relação à impessoalidade do Dasein (ser-aí), como uma condição do ser-no-mundo. A construção do Dasein enquanto impessoal ocorre como um modo de ser neste mundo, onde é retirada a possibilidade de ser quem realmente se é, em nome de uma impessoalidade do ser. Após ser edificada uma base filosófica para sustentar nossa reflexão, aí então nos empenharemos na tarefa de analisar essa impessoalidade em relação às nossas próprias vivências. Iremos tecer reflexões sobre a relação do sujeito enquanto unidade singular e enquanto dimensão coletiva, sob a perspectiva da sociedade contemporânea, dita “pós-moderna”, de “massas”, do “espetáculo”, do “consumo”, onde a validação e o reconhecimento do outro, tem se manifestado em sua negatividade, uma vez que as relações de alteridade são medidas por pseudo-identidades constituídas pela aparência midiática, virtual, efêmera, na mera ostentação de “sujeitos” que se reduzem ao valor e modismo visuais dos bens de consumo do seu tempo, onde se anula qualquer dimensão singular de uma personalidade autêntica, assim como se distancia de um sentido de coletividade humana. Neste contexto, o modo de existência na contemporaneidade, em certo sentido, vem a

ser a negação do sujeito em sua possível identidade pessoal, bem como a negação do sujeito coletivo, histórico, social, em nome de uma impessoalidade massificada. Palavras-chave : Impessoalidade; Sujeito; Dilthey; Heidegger

Bruno Serra

Universidade da Beira Interior

A onda invisível: dinâmicas de grupo e opinião pública na era das redes sociais

O problema da psicologia de massas, com todos os seus epifenómenos, constituiu séria preocupação de alguns dos mais brilhantes pensadores contemporâneos do século XX, entre os quais Gustave Le Bon, Gabriel Tarde, Sigmund Freud, William McDougall e Elias Canetti. Laborando em torno de dois momentos históricos fulcrais – o pós-Revolução Francesa e o pós-Segunda Guerra Mundial –, a sua preocupação era a de elucidar a essência dos fenómenos na origem das pulsões atrozes que haviam caracterizado precisamente os momentos históricos que os antecederam, essência essa que parecia iludir de forma cabal todos os pressupostos acerca da natureza e moralidade humanas que constituíam um dos legados fundamentais do racionalismo Iluminista. Quase um século voltado, as questões da psicologia de massas e da dinâmica de grupo ressurgiram timidamente no âm-

bito da teoria política e das ciências da comunicação já não como uma provável fonte de disrupção, mas sim como uma potencial vantagem para o processo político: obras como *The Wisdom of the Crowds* (2004), de James Surowiecki, *Infotopia* (2005), de Cass Sustein, e *Crowdsourcing* (2009), de Jeff Howe, apesar de não se terem tornado na ortodoxia dominante acerca destes assuntos, assinalam ainda assim inequivocamente uma viragem optimista na análise dos mesmos que assumiu uma certa preponderância desde então. No momento presente, contudo, a realidade política que se nos apresenta – dominada por personagens como Trump, Bolsonaro e Salvini – parece determinada a retirar legitimidade a esse optimismo, ao mesmo tempo que restitui pertinência e actualidade às abordagens inegavelmente mais pessimistas daqueles pensadores mencionados acima. Com isso em mente, o presente trabalho propõe-se a recuperar essas abordagens e a utilizá-las para iluminar os desafios colocados pelos mass media convencionais e, particularmente, não-convencionais – as redes sociais como o Facebook e o Twitter, por exemplo – às sociedades democráticas contemporâneas, inquirindo até que ponto a crescente preeminência de um processo político paradoxalmente mediatizado e não-mediado estará a potenciar

dinâmicas de grupo perniciosas a uma escala inaudita – ainda que não de todo imprevisível.

Palavras-chave : Dinâmicas de grupo; Opinião pública; Mediação; Emoções

Flávio Henrique da Silva e

Ronny Francly Campos

Pontifícia Universidade Católica de Minas

Gerais - PUC Minas

ENVELHESER: “Numa certa época da sua vida, você não tem que justificar mais nada” (Estudo de caso acerca do envelhecimento de um homem homossexual)

Esta pesquisa parte da narrativa de um homem homossexual idoso. O objetivo foi refletir sobre o envelhecimento de uma pessoa nessa condição existencial. Buscamos – através de entrevistas - levantar as particularidades do processo de envelhecimento de um homem idoso e homossexual partindo prioritariamente de suas próprias vivências e experiências. Contatamos uma pessoa, com 68 anos de idade, aposentado e residente em uma cidade no sul de Minas Gerais. Optamos por uma metodologia fenomenológica e existencial, sob a perspectiva da historiobiografia, que segundo Critelli (2012), é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, na tentativa de reconstituir acontecimentos e transmitir as suas vivências. É uma pesquisa de caráter quali-

tativo, desenvolvida por meio de estudo de caso. Realizamos entrevistas semiestruturadas, recorrendo a técnica de entrevista guiada e, através dela, coletamos os dados para o desenvolvimento desse estudo. Essa proposta de trabalho possibilitou ao entrevistado que discorresse livremente, do seu próprio modo, sobre o seu próprio percurso existencial. (In) conclusão, constatamos – com esse trabalho - que o envelhecimento de um homem homossexual é um processo bastante singular, contendo (como em qualquer outra situação humana) perdas e ganhos tendo inevitáveis mudanças em diversas dimensões da subjetividade humana. Percebemos também que o envelhecimento de um homem homossexual pode acontecer de modo bastante natural, espontâneo e sem maiores adversidades, coerente, inclusive, com o que até o momento vem sendo indicado na literatura especializada.

Palavras-chave : Homossexualidade. Envelhecimento. Narrativa. Existência.

Marivania Cristina Bocca e Daniel

Marcio Pereira Melo

Universidade da Beira Interior

Abordagem Biográfica: a psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo como possibilidades para uma práxis em psicoterapia on-line

O pensamento ontofenomenológico de Jean-Paul Sartre (1943) apresenta um caminho de investigação e de compreensão da constituição do psíquico. Para tanto, Sartre propõe dois prismas metodológicos, quais sejam: a psicanálise existencial, na qual podemos encontrar uma abordagem biográfica, e o método progressivo-regressivo que atende a uma abordagem biográfica. A psicanálise existencial atende aos princípios do método fenomenológico de investigação e compreensão da experiência psicológica, a partir de uma crítica dirigida às bases ontológicas e epistemológicas nas quais a psicanálise freudiana edificou-se, e a partir da proposição de um diálogo desta psicanálise com o marxismo. O método progressivo-regressivo por sua vez, surgiu da necessidade de “encontrar um método e constituir a ciência” (SARTRE, 1960, p. 33; 2002, p. 41), que atendesse a uma investigação dialética sobre a condição singular-universal do sujeito: “universal singular sobre universais singulares, e deve se fazer primeiro no concreto, depois no abstrato” (Sartre, 1972/1994, p. 34-35). Esse método foi encontrado em um marxista, assevera Sartre. Foi Henri Lefebvre quem nos deu esse método simples e irrepreensível para poder integrar a sociologia, a filosofia, a psicologia e a história em uma perspectiva dialética. Com

o método progressivo-regressivo a partir de Sartre, busca-se compreender a condição humana mediante o reconhecimento de um sujeito que se cria a partir da sua biografia. Sartre (1960/1966) propõe a noção de método biográfico, presente em sua psicanálise existencial, onde se busca uma compreensão da vida do sujeito a partir de uma perspectiva de temporalidade como totalidade. Fica claro que o interesse de Sartre com sua ampla e complexa filosofia, foi o de tecer reflexões voltadas para a compreensão dos fenômenos psíquicos, elaborando um programa metodológico específico para a psicologia clínica. Tais reflexões sempre se deram de maneira crítica. Fica claro, também, que o que ele pretende é uma abordagem biográfica a partir dos caminhos metodológicos indicados, a psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo. Com essa comunicação, pretendemos mostrar que a perspectiva teórica-metodológica de Jean-Paul Sartre, uma abordagem biográfica através da psicanálise existencial e do método progressivo-regressivo, contribui para uma práxis de psicoterapia na contemporaneidade. A busca por tal práxis tem alcançado, com sucesso, vários ‘espaços’ através dos quais têm se tornado possível a realização da psicoterapia. A internet é um desses ‘espaços’. Ante as várias demandas surgidas

na contemporaneidade, a internet tem se mostrado como uma alternativa de comunicação. Esse tipo de comunicação já atravessa a experiência de subjetivação, por exemplo, através do que se chama “redes sociais”. Questões importantes ainda precisam ser discutidas e pesquisas ainda precisam ser feitas sobre o processo de subjetivação que se dá pela experiência nas redes sociais. É tentando levantar reflexões sobre as implicações da experiência do sujeito contemporâneo que usa a internet como via de expressão subjetiva, que este estudo se apresenta. Quais as vantagens e desvantagens de se utilizar as redes sociais pela internet, em especial pelo Skype e WhatsApp, como recurso para o processo de psicoterapia? Essa prática de psicoterapia on-line já está regulamentada no Brasil – por meio da resolução de 11 de maio de 2018, que em seu Artigo 1º diz: “Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação” (CFP, 2018). Será que tal práxis se apresenta, como uma forma segura e efetiva, de estabelecer o sentido de aproximação do paciente/cliente com o psicoterapeuta? Este tipo de psicoterapia se revela em “tempo real” mesmo considerando a distância efetiva entre paciente e psicoterapeuta? Como pensar tais questões sob o prisma dos cami-

nhos metodológicos propostos por Sartre? Essas são algumas reflexões sobre as quais veremos discutir com esse estudo. Parte-se da experiência de dois psicoterapeutas que atuam na clínica com psicoterapia on-line buscando uma abordagem biográfica à partir da psicanálise existencial e do método progressivo-regressivo, propostos por Sartre para uma prática clínica em psicologia. Faz-se uma narrativa ou relato sobre tal experiência de prática – nesse caso uma psicoterapia on-line – e, discute-se tal narrativa via pressupostos teóricos-metodológicos da ontogenomenologia sartriana.

Palavras-chave : Método Progressivo-Regressivo; Psicanálise Existencial; Psicologia Clínica; Serviços Psicológicos On-line.

